

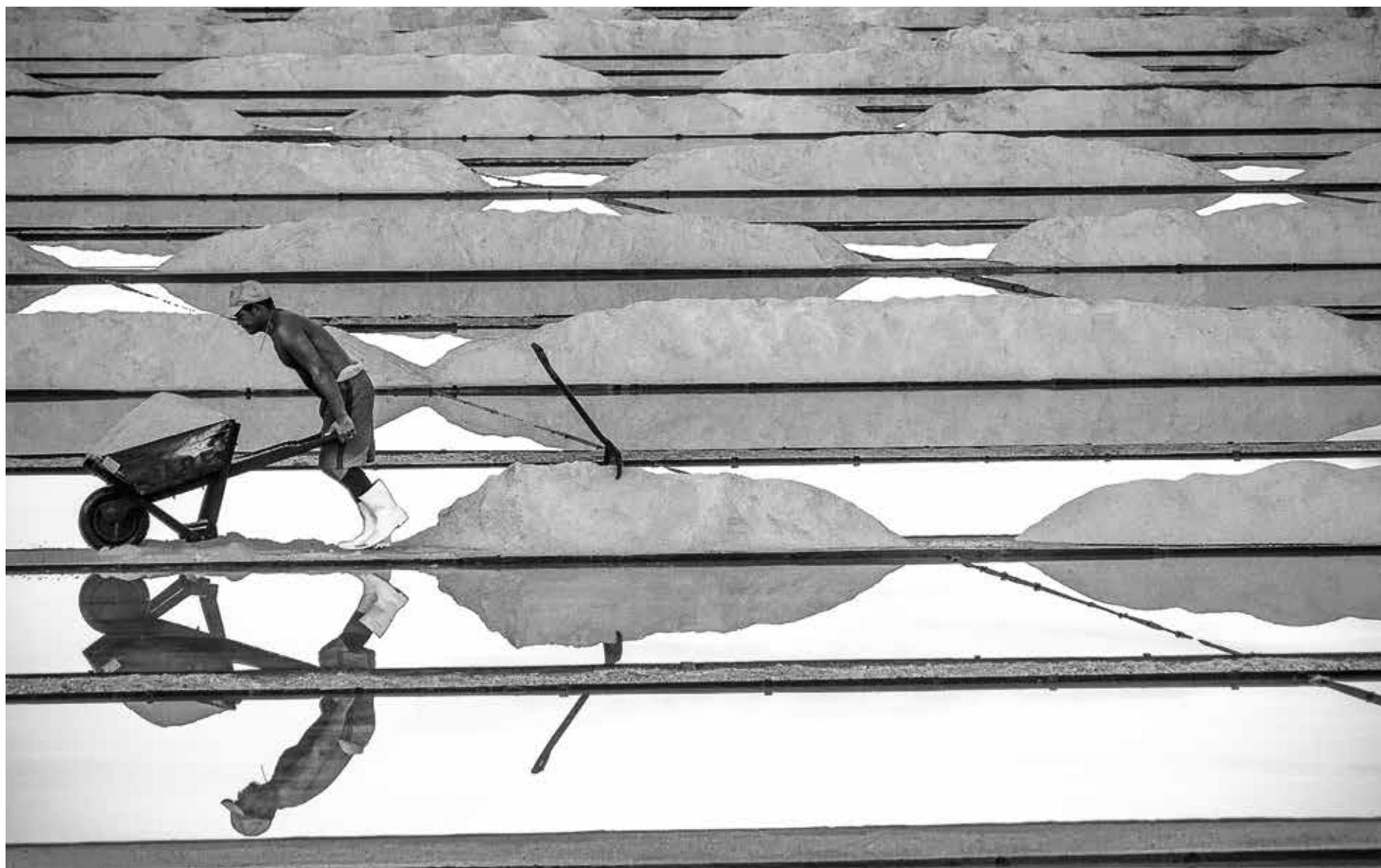
IV Prêmio

Diário
contem

de Fotografia

porâneo

Homem Cultura Natureza



Homens de sal · Ricardo Hantzschel

Prêmio
Homem Cultura Natureza



Wagner Almeida

Prêmio
Diário Contemporâneo



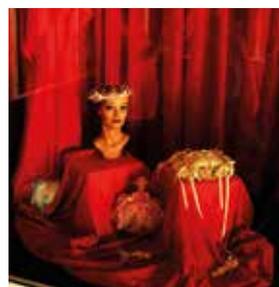
Daniela Alves e Rafael Adorján

Prêmio
Diário do Pará



Emídio Contente

Românticos
de Cuba



Walda Marques

Cenário e Personagem



Mostra Convidada

ACÇÃO
EDUCATIVA

OFICINAS E
PALESTRAS

ENCONTRO
COM ARTISTAS

ENTRADA
FRANCA

FICHA TÉCNICA

**Rba – Jornal Diário Do Pará
– Rede Brasil Amazônia De
Comunicação****Jader Barbalho Filho**
DIRETOR PRESIDENTE DO DIÁRIO DO PARÁ**Camilo Centeno**
DIRETOR GERAL DA RBA**Francisco Melo**
DIRETOR FINANCEIRO**RBA – Marketing****Daniella Barion**
GERENTE DE MARKETING**Natasha Guerreiro**
COORDENADORA DE MARKETING**Marcelle Maruska**
ANALISTA DE MARKETING**RBA – Desenvolvimento****Luis Folha**
GERENTE DE DESENVOLVIMENTO**Oscar Alencar**
SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO**Paola Wilm**
WEB DESIGN**Projeto Prêmio Diário
Contemporâneo de Fotografia****Mariano Klautau Filho**
CURADOR**Lana Machado**
COORDENADORA DE PRODUÇÃO**Irene Almeida**
PRODUTORA**Luis Laguna**
PRODUTOR**Luciana Medeiros**
ASSESSORIA DE IMPRENSA
REDAÇÃO E EDIÇÃO / TABLOIDE**Joyce Nabiça**
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO**Andrea Kellermann**
DESIGN GRÁFICO**Heldilene Reale**
COORDENADORA DA AÇÃO EDUCATIVA**Espaços Expositivos****Espaço Cultural
Casa das Onze Janelas****Simão Robison Oliveira Jatene**
GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ**Paulo Chaves**
SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA**Carmen Cal**
DIRETORA DO SISTEMA
INTEGRADO DE MUSEUS**Armando de Queiroz Santos Junior**
DIRETOR INTERINO DO
ESPAÇO CULTURAL CASA DAS 11 JANELAS**Zenaide de Paiva**
COORDENADORA DA
AÇÃO EDUCATIVA DO SIM**Museu da Universidade
Federal do Pará****Carlos Edilson de Almeida Maneschky**
REITOR DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ**Jussara da Silveira Derenji**
DIRETORA DO MUFPA**Paulo Souza**
COORDENADOR AÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA

Homem Cultura Natureza

Homem e paisagem, temas recorrentes na história da arte e da sociedade, constituem fluxos de diálogo sobre as relações entre natureza e cultura. A humanidade se constrói na linguagem, sendo esta sua forma de ação e intervenção no espaço-tempo. Ao atuar sobre o mundo natural, interferir no seu ambiente e construir sentido, o homem produz cultura. A ideia de equilíbrio entre homem e natureza não se resume na aparente placidez das representações artísticas construídas pela tradição dos gêneros retrato e paisagem. Os valores sociais e o sentido da vida estão no centro das discussões sobre a dinâmica entre natureza e cultura. A arte subverteu as noções sobre retrato e paisagem; e a imagem fotográfica vem atuando de modo especial no reconhecimento da natureza como paisagem cultural. Como esses temas vêm sendo tratados no discurso artístico? Como a linguagem fotográfica retoma suas representações de natureza e homem em meio ao contexto das imagens? Como o fotógrafo repensa sua cultura e sua natureza artística? E como a fotografia recoloca o problema dos limites entre homem e natureza em um processo no qual o indivíduo é motivado pela tecnologia e pela imagem? Ao propor o tema “Homem Cultura Natureza” o 4º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia convida o artista a pensar a imagem desde a ideia mais clássica de natureza até a presença instável do homem no mundo cultural.

Mariano Klautau Filho
Curador do Projeto Prêmio
Diário Contemporâneo de Fotografia

Sumário

- EDITORIAL – PAG. 3
PREMIADOS TRAZEM DELICADEZA E EXPERIMENTAÇÃO
Júri comenta obras premiadas – PAGs. 4-6
GUIA ARTÍSTICO
Conheça os selecionados – PAGs. 7-10
CENÁRIO E PERSONAGEM
Mostra convidada – PAGs. 11-13
IDEIA QUE ACENDE E POTENCIALIZA A PRODUÇÃO
Quatro anos de prêmio – PAGs. 14-15
MAIS FOCO NAS AÇÕES EDUCATIVAS
Visitação oferece jogos e atividades – PAGs. 16-21
ROMÂNTICOS DE CUBA
Walda Marques retrata Cuba – PAG. 22
REFLEXÃO, NOVAS MÍDIAS E ARTE CONTEMPORÂNEA
Bate papo e oficinas – PAG. 23

Programação

Exposições

Museu Casa das Onze Janelas · 26/03 – 26/05
Homem Cultura Natureza

Museu da UFPA · 27/03 – 26/05
Românticos de Cuba – Walda Marques
Cenário e personagem – Mostra convidada

Palestras

Museu da UFPA

2/04 · 19h

Os lugares do retrato – Uma conversa com *Walda Marques***Instituto de Artes do Pará**

7/05 · 19

Arte, natureza e contexto social - O projeto *Adote um urubu*.*Andrea Feijó*

13/05 · 19h

Arte, natureza e tecnologia – O projeto *Água Val Sampaio*

16/05 · 19h

Entre o rosto da cidade e o rosto do povo: história e fotografia em Belém do Pará no século XIX

*Aldrin Figueiredo***Instituto de Artes do Pará****Oficina**

1º a 12/04 · 14h às 18h

Experimentos com a imagem que se move – Laboratório de Vídeo

*Coletivo Cêsbixo*Inscrições: Até 29 de março – www.diariocontemporaneo.com.br**Mini Curso**

13 a 17/05 · 19h às 21h

Arte locativa: mobilidade e sentido

*Val Sampaio***Serviço**

Museu Casa das Onze Janelas (Pça. Frei Dom Caetano Brandão, s/n – Cidade Velha) – IAP (Pça. Justo Chermont, s/n, ao lado da Basílica de Nazaré) – Museu da UFPA (Gov. José Malcher, 1192 – Nazaré). Entrada franca. Mais informações: Rua Gaspar Viana, 773 – Reduto Belém – PA. Fone: (91) 3184.9327 · 8367.2468.

E-mail: contato@diariocontemporaneo.com.br.

EDITORIAL

Dedicado à imagem em suas mais diversas manifestações no campo da arte, o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia desempenha um papel fundamental dentro do cenário artístico paraense, abrindo diálogo com a produção brasileira, reunindo obras nos mais variados suportes e modos de representação em suas exposições, além de propor reflexão e troca de experiência, por meio de visitas mediadas, palestras, minicursos e oficinas.

Em sua quarta edição, o prêmio reafirma a fotografia feita por artistas que nascem ou vivem no Pará e conquista espaço relevante no circuito fotográfico do país. Com três premiações no valor de R\$ 10 mil cada, em 2013, o projeto recebeu 310 propostas de diversos lugares do Brasil.

Outro diferencial marcante em todas as edições tem sido a ação educativa que, mais do que nunca tem como desafio levar a arte contemporânea para dentro da sala de aula. O Tabloide deste ano é uma ferramenta a mais neste processo, trazendo, de forma didática, os exercícios oferecidos nas visitas monitoradas. Levados para a escola pelos professores, ele será utilizado como meio de conhecimento e ao mesmo tempo de estímulo ao fazer artístico de crianças e adolescentes.

Além da arte que por si é transformadora, dois agentes ganham um lugar de destaque neste empreendimento do saber. O estudante de artes visuais, mediador que conduz as visitas monitoradas nos Museus Casa das Onze Janelas e da UFPA, e o educador, responsável em levar para o dia a dia da escola, a experiência dos jogos e exercícios praticados nas visitas.

A cada ano esta configuração vem avançando em estrutura de produção garantindo a ampliação destas atividades. E todo o conteúdo necessário para cumprir esta meta está nas exposições que trazem em “Homem Cultura Natureza”, um panorama da fotografia brasileira; em “Românticos de Cuba”, uma fascinante viagem ao universo cotidiano dos moradores de Havana e em “Cenário e personagem”, um recorte da mais recente produção de fotografia realizada em Belém do Pará.

Num país que carece tanto de educação, não haveria sentido realizar um projeto que se limitasse a prêmios, pois não refletiria o real conceito que o projeto possui. A formação e a pesquisa provocadas com atividades que promovam o encontro do público e do estudante com a arte fotográfica é nossa maior meta.



PREMIADOS TRAZEM DELICADEZA E EXPERIMENTAÇÃO



Livrai-nos de todo o mal · Wagner Almeida

Veio de onde menos se imaginava. O Prêmio Homem Cultura Natureza saiu da redação sob o olhar do repórter fotográfico Wagner Almeida, que cobre a pauta policial do jornal Diário do Pará. A comissão julgadora deste ano, formada pelo fotógrafo Luiz Braga, pelo artista visual Armando Queiroz e pela artista gaúcha Maria Helena Bernardes, chegou a este consenso, no dia 22 de fevereiro, premiando mais dois artistas e selecionando outros 22.

“Os três trabalhos premiados possuem humanidade, inclusive em cenários onde não se espera isso. Premiamos um fotógrafo que tem um trabalho de fotojornalismo policial. Aliás, eu esperava isso há algum tempo. Alguém que fizesse desse drama urbano, dessa mortandade de jovens, uma realidade que está aí no dia a dia da cidade e que acompanho pelo jornal, um tema a ser tratado de forma séria, mas com delicadeza, sem fazer daquilo algum tipo de panfleto ou um tipo de apologia, e que fosse além do próprio drama. Wagner tratou este tema tão difícil”, diz Luiz Braga.

“Ficamos muito felizes. O Wagner Almeida é um profissional que trabalha com um tema difícil e tem uma experiência com cenas de crime, o que ele transcende, tratando com delicadeza, humanidade e solidariedade àqueles corpos que ele fotografa, quase como que os cobrindo e os aquecendo com aquela luz, os trazendo à vida novamente, com carinho, respeito e muita sutileza”, considera Maria Helena Bernardes, a artista gaúcha que também selecionou os trabalhos. Outro paraense também saiu contemplado. A obra “Cobogó”, de Emídio Contente, recebeu o Prêmio Diário do Pará, ao trazer em seu trabalho pesquisa e estratégias construídas. Em nenhum momento, porém, segundo o júri, o suporte de uma fotografia expandida foi determinante para esta tomada de decisão. Ao contrário, a ligação das formas apresentadas com o aprofundamento da poética de cada um dos trabalhos foi o que fez valer um resultado, em que a comissão buscou a essência de cada trabalho.

“Emídio utiliza o tijolo como um elemento de captura de imagem, que é também interessante, mas não é tudo. Não privilegiamos a maneira como se faz esta captura, focamos na qualidade e na poesia que há no trabalho. E este resultado final nos tocou”, comenta Armando Queiroz.

“Ele busca meios muito simples para produzir a imagem fotográfica. Através dos seis furos de um tijolo, ele nos faz olhar, por frestinhas, para cantos da cidade que ninguém vê, mas que ele olha com muita sensibilidade. Trata-se de um jovem fotógrafo do Pará, que logo será um jovem artista brasileiro e reconhecido. Ele tem uma bela trajetória aí pela frente”, acentua Maria Helena.

“O experimentalismo norteou esta obra. O Emídio utiliza a técnica do Pinhole com uma propriedade, uma sabedoria que realmente me encantou. O trabalho dele é feito com um tijolo de seis furos, trazendo a questão temporal, das imagens terem sido feitas em tempos de exposição diferentes, produzindo imagens diferentes, em tempos diferentes, mas do mesmo cenário. Realmente é encantador”, acrescenta Luiz Braga.

A terceira surpresa veio do Rio de Janeiro, com a performática “Derrelição”, de Daniela Alves e Rafael Adorjan. Longe de obedecer a cartilha que se pressupõe à arte moderna e contemporânea, o Prêmio Diário chegou a um resultado que focou a técnica utilizada para obter o resultado fotográfico e imagético da obra.

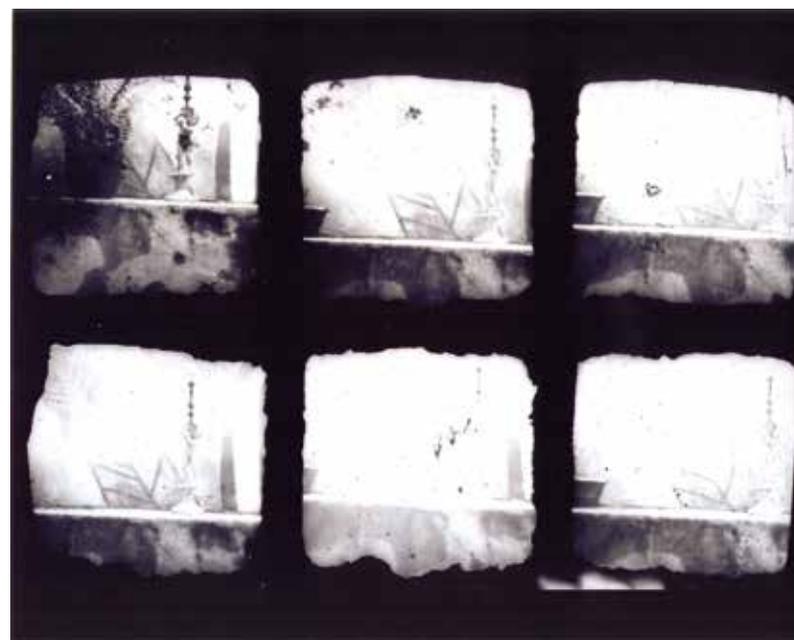
“Vemos uma densidade nas ruínas que estão nas fotografias deles. Percebemos naqueles destroços, os destroços da própria alma humana. Não somente o espaço externo, em que foi feita a ação performativa”, reflete Armando.



Cobogó · Emídio Contente

“A forma como foi conduzido e dirigido este trabalho foi muito feliz, e acabamos tendo uma foto performance de qualidade para a premiação contemporânea. Hoje em dia, trabalhos como este, para me encantar, precisa ter o diferencial e este trabalho tem. Isso passa pela delicadeza com que a figura feminina se insere na fotografia, sem nenhuma apologia à ruína. Este trabalho passa por cima disso com uma delicadeza que, quando você se dá conta, está envolvido, e, ao mesmo tempo, tem um estranhamento bem saudável”, afirma Luiz Braga.

“É trabalho apuradíssimo de direção cênica, numa determinada locação e que junta duas categorias, a foto de paisagem urbana, com a performance. Os autores trabalharam maravilhosamente as duas formas de expressão, transformando o resultado em uma unidade belíssima e impactante. Foi uma surpresa pra mim que não conhecia o trabalho desses artistas. Muito legal, pois agora eu terei o prazer de acompanhá-los aí pelo Brasil”, conclui Maria Helena.





PREMIADOS

Prêmio Homem Cultura Natureza

Wagner Almeida (PA)

Prêmio Diário Contemporâneo

Daniela Alves e Rafael Adorján (RJ)

Prêmio Diário do Pará

Emídio Contente (PA)

SELECIONADOS

Ádrio Denner (PA) - A Garça!

Amanda Amaral (SP) - Heranças

Ana Mokarzel (PA) - Estranha Paisagem

Betânia B. (PA) - Visagens

Carol de Góes (RS)- Praianas

Danielle Fonseca (PA) - Um retrato da artista quando surfista

Fábio Caçado (MG) - Pipagaia

Gui Mohallem (MG) - Welcome Home

Heber Bezerra – (MG) - Destraços _contra_ tempo

Ismael Monticelli (RS) - O deserto dos tártaros

José Diniz (RJ) - Vertentes do Sertão

Larissa Pinho Alves (RJ) - Lago

Leo Bitar (PA) - Extremos

Leticia Ranzani (SP) - O Começo é Sempre o Escuro

Lucio Adeodato (BA) - [DES]OCUPAÇÃO

Marcio Marques (SP) – Polissemia

Mariana Galender (SP) - Fuga # 3 – lugares que queriam ser casa

Mateus Moura (PA) - Matou o Cinema e foi a Família

Maura Grimaldi (SP) - Esquinas

Pedro Cunha (PA) - Miragem Urbana

Renan Teles (SP) - Webcasting/LiveStreaming

Ricardo Hantzschel (SP) - Homens de sal



Derrelição · Daniela Alves e Rafael Adorján

CONHEÇAS AS OBRAS DOS ARTISTAS SELECIONADOS

Ádrio Denner (PA)

A Garça! - Série de fotografias que retratam a realidade urbana de Santarém, relacionada não só a movimentação de carros, pessoas em seus afazeres diários ou o tumulto do passo sem cadência que cresce a cada dia, mas também a relação ainda muito forte com a natureza, onde uma “figura” se destaca na orla da cidade.

Amanda Amaral (SP)

Heranças – Ensaio que tem o silêncio como premissa - como a ausência de linguagem. Nesse sentido, a paisagem é o fenômeno silencioso por excelência. Como objeto do olhar, a paisagem tem na distância seu aspecto constitutivo. Na mesma direção, a paisagem natural é testemunha de uma escala de tempo que, ainda que seja postulada pela cultura, é inabarcável pela experiência do corpo/homem. Frente a esse fenômeno o homem é capaz de experimentar uma distância de si mesmo.

Ana Mokarzel (PA)

Estranha Paisagem – O Ensaio fotográfico da artista se questiona frente a uma estranha paisagem. “Me intriga, me instiga a vê-la de perto ... quero parar, saltar, mas o tempo não deixa. O abismo nos separa... não há recuo ... No alto, ao redor, ao lado: a natureza. Vou, volto e ela está lá, estática, numa espécie de confronto entre a rigidez e o movimento”. Neste tempo e espaço, ela se identifica e se contenta com o distanciamento.

Carol de Góes (RS)

Praianas - Existe espaço pessoal dentro de um espaço coletivo? Pessoas se apropriam do espaço sem dono. A praia não pertence a ninguém, mas cada centímetro vira propriedade de quem o ocupa, em uma dinâmica mutável. Cada espaço troca de dono a cada instante, num vai-e-vem de massas de carne preenchidas por universos complexos que escolhem fazer conexões com outros similares ou ignorá-los por completo. Ainda assim, compartilham partículas bastante íntimas de seus fluidos levados pela massa caudalosa, o oceano.

Danielle Fonseca (PA)

Um retrato da artista quando surfista - Como seria um retrato de alguém que habita um território liso e nômade por excelência, um espaço estriado, cartografado? O mar é um território onde o cotidiano vira mito. O surfista, esse ser-quase-Homero está sempre em busca de proto-aventuras humanas, como em *Odisséia*. A artista imprimiu em seu corpo e rosto imagens desejantes, imagens que talvez Claude Lévi-Strauss associasse ao exercício de descoberta sobre como poderia ter ocorrido a passagem da natureza para a cultura.

Fábio Cançado (MG)

Pipagaia - No Brasil, soltar pipas é uma jogo infantil das favelas pobres. Além de mera alternativa de brinquedo, uma metonímia de luta e defesa de territórios e até aviso para bandidos do morro da chegada da polícia. As imagens aqui produzidas por Fábio Cançado sugerem uma alternativa a toda esta tensão, os meninos apenas são agentes da origem do brinquedo, eles articulam o olhar para seu prolongamento natural, sua pipa no céu. O lazer sem luta, sem território, a pipa como transcendência, apenas uma linha que atravessa a terra, a paisagem para todo céu e traz o céu de novo.

Gui Mohallem (MG)

Welcome Home - A obra é um retorno à casa. Em uma fazenda no interior dos EUA, um grupo se reúne para celebrar o Beltane, festividade entre o equinócio da primavera e o solstício de verão. Fogueiras são acesas, trazendo purificação e sorte, e seu dia, no calendário celta, era um marco para eventos agrários e pastoris. Em tudo o festival remete aos silenciosos ciclos naturais, desde o momento obscuro das sementes até a nova floração. Este é o lugar em que se festeja; é daí que vêm essas imagens. O fotógrafo se põe no meio da entrega sensual, da partilha da comida; se põe ali, com passos de libélula, contemplando a celebração (e portanto está fora) e, ao mesmo tempo, participando da sua construção.

Heber Bezerra – (MG)

Destraços _contra_ tempo (instalação audiovisual) - Andrea, Max, Felipe, Viviane... tão presentes quanto “anônimos”, impregnados neste grande quadro-negro-urbano. A força impressa nos seus nomes parece querer dar garantias de permanência, mesmo diante da



Herança · Amanda Amaral



Estranha Paisagem · Ana Mokarzel



Praianas · Carol de Góes



Vertentes do Sertão · José Diniz

precária e efêmera vida. Ruídos cortam o tempo, a vida ainda pulsa/cintila. De um encontro não marcado, restam apenas as marcas e percorrendo como vultos se dissolvem em meio ao caos.

Ismael Monticelli (RS)

O deserto dos tártaros - A série de fotografias é o registro das vistas de uma paisagem que o fotógrafo construiu a partir do passo a passo elaborado no trabalho "Manual para construir uma paisagem em casa", 2012, (em anexo). Nessas vistas, foram utilizados itens do cotidiano de sua casa (farinha de trigo, um espelho de banheiro, brinquedos e um fragmento de plástico-bolha), reorganizados em conjunto, em um exercício quase infantil, de modo que os registros fotográficos pudessem ser remetidos a imagens de paisagens distantes e desconhecidas.

José Diniz José Diniz (RJ)

Vertentes do Sertão - A série de imagens foram tomadas em rios e cachoeiras do cerrado de Goiás. A origem do trabalho veio do desejo do autor em expressar o sertão como um contraponto de suas séries sobre o mar. Mar e Sertão, elementos antagônicos, que evocam imensidão, silêncio, solidão, deserto e também à água, representada no sertão pelas veredas, pelos rios: "o sertão é vertente, se liquefaz o tempo todo". Dentre inúmeros registros do cerrado, as imagens confluídas aqui compõem a primeira, de outras séries sobre o tema, que se materializou.

Larissa Pinho Alves (RJ)

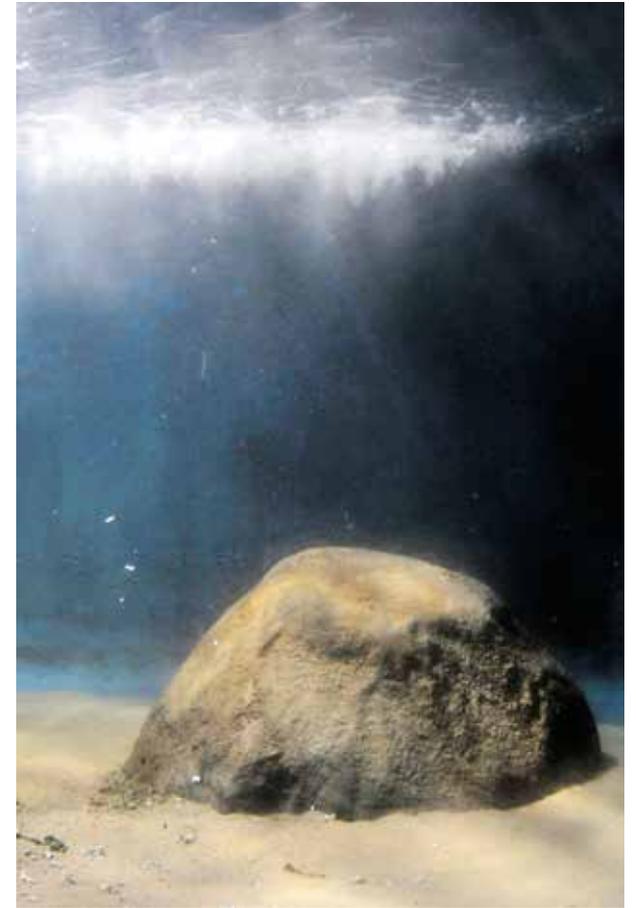
Lago - As imagens foram criadas a partir da memória de experiências vividas durante um mês (junho/2012) de convivência com oito artistas em uma casa isolada no interior da Finlândia, cercada por florestas e lagos, e iluminada pelo sol da meia noite, que nunca se põe. Em um primeiro momento, o interesse era fotografar experiências potencialmente memoráveis, que fossem significativas o bastante para ficar na memória das pessoas, assim, foram escolhidas as idas ao lago, onde ela se deixou envolver pela atmosfera do lugar, o sol em plena madrugada, a neblina, o silêncio. O momento do ato fotográfico quase se confundia com a experiência.

Leo Bitar (PA)

Extremos - A instalação fotográfica convida o espectador a entrar em está em uma sala escura, onde está uma TV exibe um vídeo de 14 minutos, mostrando um final de tarde e suas mudanças de luz. O som é aproximado e ampliado na sala por 4 caixas acústicas, pequenas, distribuídas em 1 par em cada parede lateral. Os ruídos ouvidos são de grilos e cigarras, ou de animais de vida curta que, ao mesmo tempo, remetem ao clima de quintal, casa. Num quanto qualquer, iluminado por uma luz fraca, um cinzeiro, onde o espectador/ator, é convidado para, se tiver e quiser, acender um cigarro e o pendurar no cinzeiro, para ficar queimando sozinho. Aroma, cinza e fumaça.

Leticia Ranzani (SP)

O Começo é Sempre o Escuro - Ensaio imagético que surge de uma pesquisa autoral sobre as possibilidades de fazer da representação fotográfica um exercício de imaginação onde o mundo se transforma em algo inesperado. A iluminação pontual é a chave desta série, que transforma cenas banais do cotidiano em algo extraordinário. A partir dessa estratégia, surge um universo particular inspirado na estética de alguns clássicos dos filmes dos gêneros romance policial,



Fuga # 3 · Mariana Galender

filme de terror "B" e o thriller de suspense. Os personagens vagueiam e se deparam com situações inusitadas, rotas de fuga, monstros e criaturas.

Lucio Adeodato (BA)

[DES]OCUPAÇÃO - Um antigo hotel ou um prédio abandonado que abrigava uma repartição pública, localizado no centro da cidade de São Paulo, já foi um centro ativo e pujante, mas com o passar do tempo deteriorou-se. Hoje,



Destraços _contra_ tempo (instalação audiovisual) · Heber Sousa

estão lá as escadas escuras que conduzem ao topo. No pátio interno, postos para secar ao sol, estendidos no varal, lençóis de todas as cores tremulam ao vento. Gritos de crianças jogando bola ecoam nas paredes desbotadas pelo tempo. Apesar da aparente descontração, paredes e janelas cegas, fazem o observador sentir-se aprisionado, como num sepulcro sombrio. Imagens que não se podem descrever.

Marcio Marques (SP)

Polissemia – A obra apresenta uma diversidade de possibilidades temáticas que insurgem como impermanências em territórios dinâmicos. Trata-se de um díptico em vídeo, uma referência a nossa visão binocular e também ao nosso pensamento teimosamente dualista, ainda incurado da cisão entre sujeitos e objetos. Dentre as possíveis leituras que do trabalho emanam, estão analogias entre o mundo virtual e o real, o espaço urbano e o sideral, o público e o privado, forças orgânicas e sociais que atravessam o corpo. Embora o ápice das composições configure um espelhamento, suas progressões no tempo diferem, de modo que a semelhança estrutural não passe de uma impressão fugaz.

Betânia B. (PA)

Visagens – Resultado de um ensaio fotográfico realizado às margens do Rio Cururu, no Município de Chaves, Ilha de Marajó, Estado do Pará, o projeto fotográfico se faz documental e apresentado em formato audiovisual. As imagens mostram elementos contidos no cotidiano do caboclo marajoara, e encontram-se envoltas pelo clima peculiar de seu ambiente. Elas buscam proporcionar uma experimentação da “atmosfera fantasmagórica” presente no universo marajoara, atmosfera esta, que tem a Noite e Escuridão como lugar propício para a sua propagação e é potencializada pelas lendas, “causos” e contos que integram o imaginário do caboclo marajoara.

Mariana Galender (SP)

Fuga # 3 – lugares que queriam ser casa – Esta obra revela a investigação da fotografia como linguagem de construção e interpretação da realidade, onde as possibilidades de representação do mundo visível compõem também a própria realidade. A série construída a partir de diversos contextos nas cidades paulistas de Santos, São Sebastião, Ribeirão Preto, Ibiúna e São Paulo, trazem imagens agrupadas em torno das múltiplas possibilidades léxicas da palavra Fuga – deslocamento e escape. São cenários de viveiros de animais e interiores de hotéis. Lugares onde nenhuma ação acontece. Quem protagoniza as cenas são pedras, plantas artificiais, quadros, poltronas, um ou outro peixe.

Mateus Moura (PA)

Matou o Cinema e foi a Família - Série de vídeos, do gênero ficção e de realismo experimental. Mateus já tem outros vídeos (do lat. “eu vejo”), espalhados

pela rede. Este surge como encomenda social. Natureza, Fenômeno, Cultura, Homem: que ruídos se colhe aqui? Entre o ar livre e o ar condicionado, o humano (homo sapiens, homo ludens, homo faber). Ar: raro efeito, que transporta mistérios. Mistérios que o humano condiciona, para transformar em energia. Intenta libertar sua paisagem? Aprisionar sua miragem? Transformar em dígito o canto do uirapuru? Em especiarias as espécies? O sedento humano e seu oásis represado: a Imagem (visual, sonora, digital, bidroelétrica).

Maura Grimaldi (SP)

Esquinas – Um trabalho que sempre se coloca em duas vias de interpretação; se por um lado reitera o tema fotografado, por outro apresenta nuances e particularidades quadro a quadro, se diz respeito a certo esvaziamento e extingue a figura humana, revela uma coleção afetiva e intimista. E é justamente diante de duas direções que se encontra uma esquina; ela é o encontro de duas vias que se abrem uma a outra. Para a ocasião do Diário Contemporâneo foi pensada a exibição de trecho da coleção, organizada em 3 quadrantes fotográficos, no qual cada quadrante procura estabelecer uma distinta família de fachadas.

Pedro Cunha (PA)

Miragem Urbana - As cidades são a síntese do fazer humano. Este fazer humano se



O deserto dos tártaros · Ismael Monticelli



O Começo é Sempre o Escuro · Leticia Ranzani



[DES]OCUPAÇÃO · Lucio Adeodato



Polissemia · Marcio Marques



Visagens · Betânia B.



Webcasting/LiveStreaming · Renan Teles



Homens de sal · Ricardo Hantzschel

materializa de infinitas formas, traços, cores e em infinitas superfícies. Formas e superfícies... natureza urbana. Vida.

Renan Teles (SP)

Webcasting/Live Streaming - O autor abordada a mudança comportamental dessa geração com acesso às câmeras digitais e à internet, desde crianças e de como esta mantém uma relação com a própria imagem, a capacidade de orquestrá-la, arquitetá-la e difundi-la no mundo virtual. A obra nos leva a perceber que a “antiga” fotografia de família, que se tornou possível com o advento das câmeras fotográficas compactas automáticas, se torna muito mais

individual e íntima do que coletiva, e sempre difundida na web. Ao imprimir uma fotografia digital suas principais características se perdem; seu poder/valor está em sua capacidade de difusão na comunidade virtual.

Ricardo Hantzschel (SP)

Homens de sal - O ensaio fotográfico parte de uma investigação visual sobre o processo de extração de sal realizado nos chamados parques salineiros da região dos lagos no Rio de Janeiro, que inclui entre outros, os municípios de Araruama e Arraial do Cabo. O trabalho, iniciado em 2011, busca ressaltar aspectos estéticos da extração salina e seus personagens,

bem como explorar as questões sócio-ambientais da região. O objetivo é dar visibilidade a um modo de produção que se mantém inalterado desde o século XIX, revelando personagens ainda ativos, de um ofício que tende a se extinguir silenciosamente nas próximas duas décadas, com mudanças significativas na paisagem local.

“CENÁRIO E PERSONAGEM” NA FOTOGRAFIA PARAENSE

A fotografia que já saiu dos limites do Estado, levando nossos artistas a participações, no Brasil e no exterior, em projetos e mostras importantes, tem força híbrida. A atual produção surge e se acentua na cena contemporânea e o Prêmio Diário impulsiona tudo isso, como um projeto que abrange a fotografia em suas mais diversas manifestações no campo da arte e da imagem.

Foi com a intenção de manter vivo o interesse na produção paraense e valorizar a imagem produzida na cena de Belém que este ano, oito artistas foram convidados para expor em uma mostra coletiva no Museu da UFPA. Eles tem atuações diferentes entre si, pertencem a gerações diversas, mas que apontam para a imagem (vídeo ou fotografia) como um exercício poético e de ficção.

Na mostra estão obras de Ana Mokarzel, Marcelo Lelis, Rogério Uchôa, Danielle Fonseca, Bruno Leite, Mateus Moura, Luiza Cavalcante e Valério Silveira, artistas que representam a produção atual da cidade. Alguns deles em início de carreira. Outros que atuam em campos diversos da imagem fotográfica. Os trabalhos presentes na produção paraense mais atual remetem-se, quase em sua totalidade, à fotografia como espaço para ficção e desenvolvem narrativas, seja na observação do cotidiano ou na criação de pequenas histórias, experimentos e personagens. Três dos fotógrafos convidados para esta mostra também foram selecionados para a mostra na Casa das Onze Janelas: Ana Mokarzel, Mateus Moura e Danielle Fonseca. “Foi coincidência, pois quando fiz o convite a eles não os impedi de se inscreverem no prêmio. Os trabalhos remetem quase em sua totalidade à fotografia como espaço para ficção, desenvolvem narrativas seja na observação do cotidiano ou na criação de pequenas histórias, experimentos e personagens”, diz Mariano Klautau Filho, curador da mostra.

Em fase de amadurecimento da carreira, Ana Mokarzel e Valério Silveira têm mostrado seus trabalhos nos últimos anos. Na diversidade da mostra, Mateus revela linguagens do teatro, do vídeo e da performance. Já Danielle, que está em pleno desenvolvimento de seu trabalho, vem expondo pelo Brasil, e além da imagem, trabalha também texto e ações. Ambos mostram obras que misturam vídeo, cinema e documentário. Luiza, Mateus e Bruno estão bem no início de carreira e vão conviver no espaço expositivo com fotojornalistas, que já atuam há anos nesse campo, como Rogério e Marcelo.



Valério Silveira



A primeira virtude · Marcelo Lelis

Diversidade, tradição e ousadia

O trabalho dos artistas na fotografia do Pará sempre foi muito diverso e misturado. Em “Cenário e Personagem” é o que se constata. É possível perceber na mostra, elementos e processos distintos, que fazem da fotografia produzida aqui, uma expressão visual que se expande e se afirma, sendo reconhecida nacionalmente, justamente por não ter uma identidade fixa ou estagnada.

“A tradição cosmopolita de Belém vem de séculos passados e isso nós precisamos valorizar sempre. O país reconhece Belém como um importante campo de produção de imagem. Nossa produção artística não fica a dever para as questões que estão sendo discutidas em outras cidades. Precisamos ser mais críticos com nosso lugar, história e produção”, finaliza Mariano.



Ao longo do farol · Bruno Leite



D. Juan, um ensaio · Mateus Moura



Surf é o esporte da espera · Danielle Fonseca

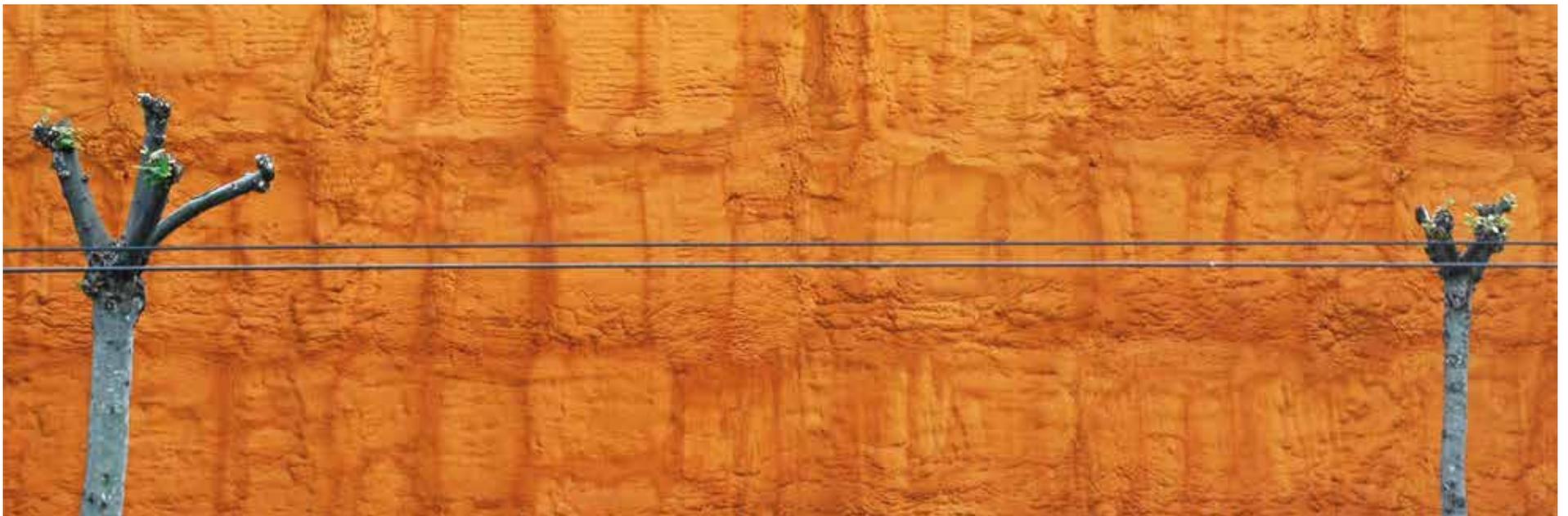


Universo de Lilith · Luiza Cavalcante



Sem título · Rogério Uchôa

IDEIA QUE ACENDE E POTENCIALIZA A PRODUÇÃO



Miragem Urbana · Pedro Cunha

Quando o assunto é fotografia, pesquisadores do país inteiro veem Belém como um campo de pesquisa importante. A cidade há algumas décadas é reconhecida por sua produção de fotografia. Percebendo este potencial, em 2010, o Jornal Diário do Pará, criou o Prêmio Contemporâneo de Fotografia, com a ideia era ampliar a difusão desta fotografia para o Brasil, formatando algo que possibilitasse um diálogo mais amplo com o país.

É assim que nasce um prêmio aberto por edital, desdobrando-se em diversas atividades que, juntas, propõem um conceito mais abrangente como evento. Tendo como eixo a fotografia somada à ideia de estimular as extensões dessa linguagem, o Prêmio Diário compreende a imagem como resultado de diversas manifestações, do desenho ao vídeo, da pintura à performance.

Ao longo desses quatro anos, as comissões julgadoras foram formadas por artistas importantes na produção da arte contemporânea paraense e um artista convidado.

O primeiro tema, em 2010, "Brasil, Brasis" revelou imagens de um país plural com identidades múltiplas, assim como a fotografia, no sentido expandido do contexto da arte contemporânea.

Naquele ano, Cláudia Leão e Eder Chiodeto (SP), além do próprio Mariano Klautau Filho, premiaram os fotógrafos Octávio Cardoso (PA) e Paulo Wagner (PA), além do Coletivo Parentesis (SP), e selecionaram 18 outros artistas, entre os 282 inscritos. Além da mostra principal, duas outras exposições apresentaram obras dos paraenses Cláudia Leão e Dirceu Maués.

Em 2011, "Crônicas Urbanas" discutiu a expansão das cidades como metáfora da modernidade e da sociedade industrial, tendo o século XIX como embrião. Thadeu Chiarelli (SP), Marisa Mokarzel e Alexandre Sequeira analisaram 297 obras, premiaram Silas José de Paula (CE), Leonardo Sette (PE) e Roberta Carvalho (PA). A mostra do tema teve mais 18 artistas selecionados e duas exposições: "Diários da Cidade", com trabalhos de fotojornalistas do Jornal Diário Do Pará e "Do Outro Lado Da Rua", do fotógrafo convidado Luiz Braga. "Memórias da Imagem", em 2012, foi um modo de propor o pensar da fotografia como reinvenção da memória, algo que se experimenta no presente, ou que é construído como

verdade. As 304 inscrições foram avaliadas por Jorge Eiró, Miguel Chikaoka e Heloísa Espada (SP). Os premiados foram: o Coletivo Garapa (SP), Ilana Goldbaum Lichtenstein (SP) e Lucas Gouvêa (PA).

No Museu da UFPA, Miguel Chikaoka, artista convidado, expôs "Para Ter de Onde Se Ir", título que fez alusão a um poema de Max Martins (A Cabana), outro artista que norteia a arte contemporânea paraense através da palavra. A mostra fez uma espécie de retrospectiva da carreira do fotógrafo paulista, que veio sediar-se em Belém no início dos anos 1980, sendo um dos principais responsáveis pela formação de profissionais que atuam hoje no cenário e difusão da fotografia paraense.

Já nesta quarta edição, o tema "Homem Cultura Natureza" traz associadas três palavras, como uma frase ininterrupta e aberta a interpretações diversas. O número de inscrições aumentou para 310. Luiz Braga, Maria Helena Bernardes e Armando Queiroz levaram três dias reunidos para premiar Wagner Oliveira e Emídio Contente, ambos paraense, além da dupla carioca Daniela Alves e Rafael Adorjan.

Walda Marques é a convidada e ainda outros 8 fotógrafos de Belém são convidados a expor no Museu da UFPA. A mostra principal, sempre realizada na Casa das Onze Janelas, reúne mais 22 obras. Todos eles, premiados e selecionados, ainda poderão, mais tarde, com o encerramento das exposições, ser acessados pelo público. A publicação de um catálogo, sempre no ano seguinte, garante isso. O produto mais importante deste prêmio, no qual fica o registro de todas as discussões geradas em palestras, oficinas e mostras.

Todas as pessoas interessadas na arte contemporânea e na produção de fotografia têm acesso a este material. Os exemplares das três edições anteriores, além de serem distribuídas para artistas, universidades e instituições culturais, também são disponibilizadas para todos no site www.diariocontemporaneo.com.br.

A seguir, leia momentos de entrevistas realizadas com Mariano Klautau Filho para o Jornal Diário do Pará, a fim de apresentar o pensamento que melhor traduz o prêmio. Colaboração das jornalistas Amanda Aguiar, Cintia Magno e Luiza Cabral.



Extremos · Leo Bitar

Como surgiu a ideia do Diário Contemporâneo de Fotografia?

Mariano Klautau Filho: Surgiu de uma vontade da RBA e do Diário do Pará em realizar um concurso de fotografia pela importância que essa linguagem tem no Pará, além do reconhecimento que a produção paraense tem no país. A partir desta ideia chegamos a um projeto mais amplo, que inclui prêmio, atividade educativa, oficinas e palestras, voltadas, principalmente, para a formação e conhecimento, sem se esgotar num concurso.

De que forma a produção fotográfica é trabalhada nas palestras e oficinas?

Mariano Klautau Filho: Sempre com o intuito de reflexão crítica. Procuramos convidar profissionais que pesquisam arte, história e filosofia, que atuam na academia ou na produção de arte no Brasil. Isso faz a diferença para que tenhamos um projeto afinado com a produção brasileira de fotografia e não fiquemos fechados no nosso território paraense. É importante que o Pará tenha um constante diálogo com o país. Isso tem dado resultados positivo.

No Prêmio, a fotografia é expandida em vídeo, pintura, performance. É possível delimitar essa concepção?

Mariano Klautau Filho: O importante é não pensar a fotografia somente em seu modo de exibição tradicional e ir além da imagem bidimensional na parede. Ela é isso, mas comporta outros formatos. Estamos em uma época da mistura das linguagens, diversidade de suportes. Assim, a imagem está no vídeo, na instalação, em um ato performático. O pensamento atual sobre fotografia revela os diversos meios pelos quais a fotografia se mostra como imagem. É importante entender a fotografia como um eixo que se abre. Já tivemos nas edições do prêmio trabalhos de pintura, desenho, objeto, paisagem sonora. No final das contas, queremos mesmo lidar com o que não tem limite.

Essa mesma atmosfera está no tema deste ano, “Homem Cultura Natureza”...

Mariano Klautau Filho: Exatamente. Ao invés de optar por um tema ilustrativo, procuramos propor questões menos redutoras, com mais possibilidades de interpretação. Esses três conceitos, unidos pela temática,

costuram a relação do homem com a arte, com as formas de se expressar e de projetar sua cultura. A ideia “Homem Cultura Natureza” propõe também ao artista retomar gêneros tradicionais como paisagem e retrato sob outra ótica.



Pipagaia · Fabio Cançado

MAIS FOCO NAS AÇÕES EDUCATIVAS

A 4ª edição do Prêmio Diário oferece a alunos e professores arte contemporânea como ferramenta educativa. Durante as visitas às exposições, várias dicas serão repassadas pelos mediadores a fim de compartilhar e contribuir com o professor, diversos materiais educativos, relacionados à arte.

“Estes materiais são muito raros de se encontrar e, na maioria das vezes, os professores não têm como reproduzir em sala de aula o que vivenciam na galeria, quando participam de visitas como as que estão sendo oferecidas pelo Prêmio Diário. Então, resolvemos fazer um trabalho mais didático este ano. Todo o conteúdo explicativo e as informações sobre as mostras, obras, artistas e programação, desta quarta edição, estão no Tabloide que está sendo distribuído. Estamos fornecendo ao educador a ferramenta completa”, explica Heldilene Reale, coordenadora da Ação Educativa do IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia.

Inovadora, com uma abordagem dinâmica e diferenciada, a visita nos espaços da Casa das Onze Janelas e do Museu da UFPA será entremeadada com jogos e atividades, além de outras maneiras de instigação artística conduzidas por jovens mediadores. A ideia é construir relações educativas entre o professor e a sala de aula; os alunos e o mediador; as obras e todos os pontos do processo de exposição.

Para que o professor possa dar retorno após a visita, o evento também está disponibilizando no site – www.diario-contemporaneo – um formulário para ser preenchido. “Convidamos todos a participar disso. Acessando o site, os professores vão encontrar uma ficha cadastral, onde pedimos os dados da escola. Há também, outro formulário, para que eles possam fazer um relato de experiência. Este deverá ser preenchido pelo educador que esteve na

galeria. Queremos sua opinião, buscar sugestões, interagir mais. A partir dos relatos poderemos melhorar ainda mais nossas atividades”, diz Heldilene.

ESTUDANTES DE ARTES VISUAIS NA MEDIAÇÃO

Este ano, no que depender da equipe de mediadores, a ação educativa dentro do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia será um marco. Eles trabalharam bastante para atender um público diverso. 12 jovens, alunos de cursos de graduação em artes visuais, que fazem parte da equipe de mediadores, serão responsáveis em conduzir as dinâmicas de visita.

“Conhecemos com antecedência as obras, os artistas e todos os envolvidos. Este ano, isso fez toda a diferença para um melhor atendimento ao público. Esta preparação vem evoluindo e isso é muito bom para todos nós. Em 2010, fomos apenas selecionados e eu, que já trabalhava na mediação no Museu da UFPA, entrei pra equipe do Prêmio, mas desta vez houve uma qualificação”, diz Lucilainy Sampaio.

Ademilton Azevedo Júnior cursa o 3º semestre e participa pela primeira vez da programação. “Estou gostando muito de estar nesta mediação. O evento é muito rico em informação de arte. Agrega artistas de outros locais e assim podemos ter um panorama brasileiro da arte contemporânea em fotografia, que é o foco do prêmio”, diz. Naiara Jinkns, também na equipe, confessa que já tinha participado de processos de mediação em outros processos, mas que acabou não se interessando. Cursando o último semestre do curso de artes visuais, ela diz que encontrou no processo de ação educativa do Prêmio Diário, um novo estímulo.

“Está havendo uma direção bem diferente aqui. É muito interessante



Fotos: Irene Almeida

desmistificar a ideia de que este tipo de trabalho só é encontrado dentro do museu. As experiências nesses espaços podem ser levadas pra dentro da tua vida e da escola, principalmente, onde está a formação. Nos espaços expositivos, através de jogos, você desperta interesse nas pessoas por fotografia”, diz Naiara.

Capacitação – Heldilene, que fez o treinamento dos jovens, diz que os monitores estão preparados para dar informações e dialogar com o público sobre arte contemporânea, mas principalmente discorrer sobre o conteúdo artístico encontrado nas obras em exposição. “Eles receberam capacitação, fizemos um diálogo compartilhado, e até para a formatação do material que

os professores estão recebendo, eles contribuíram. Além disso, de alguma forma, percebo que os jovens mediadores também estão entendendo que podem trabalhar mais desta forma, em diversas outras ações que podem vir no futuro deles. Isso aqui não deixa de ser também uma formação. Daqui pra frente, eles estarão muito mais seguros para trabalhar com isso dentro de outros espaços culturais”, finaliza Heldilene.

AGENDAMENTO

Ademar Queiroz

(91) 4009 8845 (8h30 às 13h30)

FICHA DE CADASTRO E RELATO

Site: www.diariocontemporaneo.com.br

OUTRAS INFORMAÇÕES

e-mail: sim.educacao@gmail.com

DA GALERIA PARA A SALA DE AULA

A Ação Educativa do IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia elaborou algumas propostas educativas para serem desenvolvidas em conjunto com os alunos, possibilitando maior integração e aproximação com suas obras e artistas. O objetivo é a ampliação das visitas ao circuito expositivo do Prêmio, desenvolvendo práticas que estimulem a inserção da fotografia contemporânea em seus processos educacionais. Então vamos aos trabalhos!

PROPOSTA 01 - CÂMARA ESCURA

A Câmara Escura - em uma caixa onde uma de suas paredes recebe um furo permitindo a passagem da luz, será projetada uma imagem na parede oposta. A imagem é formada de maneira invertida, partindo do mesmo princípio de formação da imagem sobre a retina do olho humano. A Câmara Escura é a etapa inicial de construção da imagem fotográfica.

A câmara escura surge de estudos intensos realizados, ao longo dos anos, por cientistas, químicos e artistas, com base em princípios óticos e químicos, para que a captura da imagem fosse materializada. As experiências desses estudiosos partem da fotografia analógica e chegam à fotografia digital, gerando vários suportes fotográficos. Na série fotográfica “Cobogó”, de Emídio Contente, artista que

recebeu o Prêmio Diário do Pará, tem-se o exemplo da utilização de um suporte diferenciado. Emídio capturou suas imagens utilizando câmeras confeccionadas por ele, com tijolos coletados em lixos da construção civil, gerando várias imagens que tem em suas bordas a moldura do próprio material usado na construção civil. Confeccione este recorte fotográfico também com seus alunos. Utilize-o como uma câmara escura, realizando uma experiência do olhar do aluno sobre a realidade, em um ambiente iluminado dentro ou fora da escola.

Faixa Etária: A partir de 10 anos

Materiais: 01 folha de papel cartão preto; 01 folha de papel vegetal; 01 folha de papel alumínio; 01 tubo de cola branca; 01 agulha de espessura fina, tesoura.

Passo a Passo



1 Dobre a folha de papel cartão ao meio, com uma diferença de três dedos.



2 Rasgue a folha, ou corte com uma tesoura, o vinco marcado.



3 Com as partes separadas, você irá dobrar dois dedos no papel menor e três dedos no papel maior.



4 Cole as dobraduras de forma que a parte preta do papel fique para dentro.



5 Depois de coladas as partes, dobre ao meio o papel.



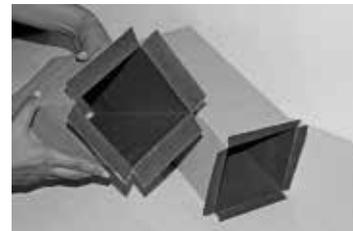
6 Na caixa maior você irá colar um quadrado de papel vegetal com o mesmo tamanho do quadrado formado na caixa.



7 Abra a caixa e coloque a caixa maior, dentro da caixa maior. As duas devem se encaixar perfeitamente.



8 Depois de conferir, dobre no sentido que a imagem apresenta a parte menor com dois dedos e a parte maior com um dedo.



9 Abra a caixa rasgando os vincos formados nos cantos das caixas.



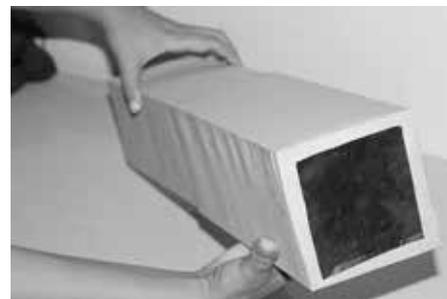
10 Cole as dobras considerando que a parte preta fique para dentro.



11 Na caixa menor você irá colar um quadrado de papel alumínio.



12 Faça um furo bem pequeno no meio do papel alumínio com uma agulha ou espinho de ponta bem fina.



13 Encaixe as caixas e está pronta a Câmera Escura!



14 Com a câmara em mãos o aluno têm diversos exercícios de observação da realidade invertida, é só apontar para áreas claras regulando a câmara.

PROPOSTA 02 · RELEITURA DO OLHAR

Neste exercício, vamos realizar com os alunos, um processo de observação atento de uma imagem, percebendo seus detalhes, seu contexto, formas, cores e elementos diversos, presentes na mesma. Depois desta etapa de observação, propõe-se a realização de uma nova proposta visual, que tem por base a imagem que se observou, acrescentando a esta nova produção um toque pessoal, resultando em uma nova maneira de ver e sentir.

Para a realização desta proposta, os alunos devem ter em mãos, na sala de aula, este jornal Tabloide, recebido durante a visita ao IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Organize-os em três grupos. Cada um dos grupos vai observar as obras premiadas e selecionadas sugeridas neste exercício, percebendo o nome de cada uma, os elementos que as compõem e o que as obras possuem em comum.

Vamos pedir a eles também que observem que relações estas fotografias mantêm no seu dia a dia. Para finalizar, peça a cada aluno para anotar no caderno as questões observadas.

Grupo 01: “DERRELIÇÃO”, de Daniela Alves e Rafael Adorján, “[DES]OCUPAÇÃO de Lucio Adeodato, “ESQUINAS”, de Maura Grimaldi.

Grupo 02: “WELCOME HOME”, de Gui Mohallen, “O COMEÇO É SEMPRE O ESCURO”, de Letícia Ranzani, “VISAGENS”, de Betânia B.

Grupo 03: “UM RETRATO DA ARTISTA QUANDO SURFISTA” de Danielle Fonseca, “PIPAGAIA” de Fabio Cançado, “VERTENTES DO SERTÃO” de José Diniz.

Faixa Etária: A partir de 12 anos

Materiais: 01 folha de papel sulfite por aluno, lápis e lápis de cor.

Passo a Passo



Esquinas · Maura Grimaldi



Welcome Home · Gui Mohallen



Um retrato da artista quando surfista · Danielle Fonseca

Depois da leitura de imagens feita pelos grupos, proponha um diálogo para que eles exponham em sala as imagens, suas observações e anotações. Em seguida, com base nos elementos expostos em sala, peça para que, cada aluno desenvolva

a releitura com base em uma das imagens que estava presente em seu grupo, desenhando e colorindo a composição. Proponha que, em seguida, os trabalhos dos alunos sejam expostos em algum ambiente da escola.

PROPOSTA 03 · ENQUADRAMENTO 01

O enquadramento é muito utilizado no processo de captura de uma imagem. Permite que o artista recorte o que não quer mostrar delimitando por meio do enquadramento o que de fato quer apresentar em seu trabalho. Apesar de não existirem regras fixas na fotografia, observar o enquadramento é muito importante e pode ser um diferencial na qualidade de uma imagem.

Todas as obras presentes no IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

partiram do tema Homem Cultura e Natureza. Percebendo o tema e a escolha dos elementos representados nos trabalhos, vamos pedir aos alunos que examinem o que há no enquadramento da foto escolhida por cada aluno, presentes no IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia. Abaixo descrevemos os planos de enquadramento:

Grande Plano Geral: Enquadramento de um grande cenário ou de uma paisagem.

Nele é difícil identificar a presença detalhada dos elementos da composição.

Plano Geral: Enquadramento de um cenário, no qual um ou mais personagens podem ser vistos e identificados facilmente.

Plano Americano: Enquadramento em vídeo, no caso da figura humana o personagem é recortado dos joelhos para cima.

Plano Médio: Enquadramento da parte superior do corpo humano cortado próximo à linha da cintura.

Primeiro Plano: O enquadramento é feito a partir da parte superior do corpo humano até as axilas.

Plano Detalhe: Enquadramento de uma parte do corpo do personagem, como a mão ou os pés. Também pode ser o enquadramento de um objeto de cena, como um livro, uma caneta, uma cadeira, um prato de comida.

Faixa Etária: A partir de 05 anos

Materiais: Imagens presentes no Tabloide ou em Revistas + Cola, Tesoura e Papel.

Passo a Passo

Utilizando o Tablóide com seus alunos, perceba os diferentes enquadramentos das imagens que representam as obras. Em seguida a partir das revistas disponibilizadas em sala de aula, proponha um exercício de recorte colagem onde o aluno faça o recorte de imagens com cada tipo de plano fotográfico por ele estudado,

tendo como tema Homem Cultura e Natureza. Distribua os papéis escrevendo os diversos tipos de Planos Fotográficos, para que eles cole as imagens recortadas de acordo com os planos especificados.

PROPOSTA 04 - ENQUADRAMENTO 02

A partir dos estudos realizados na Proposta 03, desenvolva uma atividade fora de sala de aula. Vamos agora realizar um recorte da realidade por meio da utilização da janela de enquadramento presente abaixo, a ser construída em sala de aula em conjunto com seus alunos. Teremos como base a temática "Homem Cultura Natureza".

Faixa Etária: A partir de 05 anos

Materiais: Papel Cartão, Tesoura, Régua, Lápis.

Passo a Passo

Construa um retângulo com o papel cartão no formato 10 x 15 cm, recortando outro retângulo ao centro como mostra a figura. Em seguida peça aos seus alunos para realizarem enquadramentos segurando este suporte, percebendo a

realidade de acordo com os diversos planos estudados em sala de aula, estudados na Proposta 03.

PROPOSTA 05 - REGISTRO DE UMA SÉRIE

Uma Série Fotográfica é o registro de uma sequência de imagens que pretende criar narrativas. Também gera a possibilidade do uso de imagens fotográficas para composições ficcionais, por intermédio de um tema.

Muitos trabalhos expostos no IV Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia foram feitos dessa forma. Para exemplificar temos a série "A GARÇA!", do artista Ádrio Denner, onde o mesmo registra esta personagem, sempre presente na orla da cidade de Santarém.

Em seu argumento, o artista se questiona, se o homem teria invadido o espaço que era da natureza ou a se a natureza é que invade este espaço humano de grandes mudanças urbanas.

Proponha o diálogo com o aluno a partir deste questionamento.

Faixa Etária: A partir de 15 anos

Materiais: celular do aluno, cabo USB do celular, data show ou computador.

Passo a Passo



A Garça! - Ádrio Denner

Na série fotográfica de Ádrio Denner, as fotos apresentam pessoas capturando a imagem da garça com o aparelho celular. Nesta proposta que os alunos devem levar seus aparelhos celulares com os cabos USB. Peça para os alunos elaborarem uma narrativa escrita de uma história que represente o questionamento pertencente ao trabalho do artista.

Em seguida, oriente os alunos a registrarem a narrativa escrita por eles, com uma saída fotográfica em um ambiente externo a sala de aula. Proponha que

os alunos desenvolvam uma série fotográfica com três imagens. Em seguida exponha as fotografias produzidas em um computador ou em um data show, permitindo que o aluno fale de que maneira produziu a narrativa de seu texto, sua série fotográfica e como ela responde ao questionamento do artista.

PROPOSTA 06 · A LINGUAGEM E SEU CONTEXTO DE VIDA

A série fotográfica “LIVRAI-NOS DE TODO O MAL”, de Wagner Almeida, ganhador do Prêmio “Homem Cultura Natureza”, apresenta fotos concebidas em locais de crimes, na região metropolitana de Belém. As imagens representam vítimas com idade inferior a 30 anos, que possuem tatuagens em seus corpos. São frases, imagens e nomes que falam de amor, religiosidade, bondade. Segundo o artista,

a série consiste em transmitir a relação do homem, com sua natureza de amor e ódio, usando o corpo tatuado como suporte para transmitir estas mensagens.

Faixa Etária: A partir de 15 anos

Materiais: Papel 40 Kg ou Cartolina, Canetinha, Lápis comum, Lápis de cor.

Passo a Passo

Depois de dialogar com o aluno à respeito das relações humanas presentes nos trabalhos de Wagner Almeida, proponha um exercício partindo das seguintes etapas:

Primeiramente abra o espaço da sala, deixando o centro livre de cadeiras.

Divida os alunos em grupos e em seguida peça para que eles cole duas folhas de papel 40 kg (ou cartolina) no sentido vertical.

Diga para o grupo escolher uma pessoa para deitar sobre a folha, escolhendo a posição que desejar. Os demais do grupo irão contornar o corpo do aluno com

canetinha, formando uma silhueta no papel.

Dentro do corpo formado no papel, peça para os alunos construírem desenhos, como se estivessem tatuando um corpo, com representações das relações de amor e ódio presente na humanidade.

Em seguida abra uma roda fazendo com que os grupos dialoguem à respeito do corpo tatuado.

Faça uma exposição na escola com os resultados.

PROPOSTA 07 · A MEMÓRIA DO OUTRO

A memória se inscreve na história, que por sua vez a alimenta e a inscreve no passado, sendo lembrada no presente e ressignificada no futuro.

Na série “LAGO”, da artista Larissa Pinho Alves, as fotografias foram construídas a partir da memória de experiências vivenciadas por ela, no mês de julho de 2012, durante a convivência com oito artistas, em uma casa isolada no interior

da Finlândia, cercada por florestas e lagos e por diversos elementos da natureza.

Faixa Etária: A partir de 10 anos

Materiais: Papel Sulfite A4, lápis, fotos de família em momentos de férias, barbante (para a construção do varal na escola).

Passo a Passo

Lago · Larissa Pinho Alves

Com base na série de fotografia de Larissa Pinho Alves, proponha que os alunos tragam para sala de aula, uma foto que represente um momento de férias com familiares ou amigos, onde tiveram o contato direto com a natureza. Desenvolva um exercício em dupla, onde um aluno conversará com o outro, sobre a foto e a importância da fotografia escolhida, dentro do contexto da memória. Dê 5 minutos para cada dupla dialogar.

Depois peça para que, individualmente, eles representem, em desenhos, a história contada pelo outro colega, abrindo em seguida o diálogo na turma, com a exposição dos trabalhos.

Faça um varal na escola com o resultado das produções, colocando a fotografia trazida pelo aluno em diálogo com os trabalhos realizados em sala.

PROPOSTA 08 · COLAGENS SÓCIO-AMBIENTAIS

A série “HOMENS DE SAL”, de Ricardo Hantzschel, é uma investigação visual do processo de extração de sal realizado nos chamados parques salineiros da região dos lagos do Rio de Janeiro. Evidencia a extração salineira e seus personagens, explorando questões socioambientais da região.

Faixa Etária: A partir de 10 anos

Materiais: Papel Sulfite A4, Revistas com imagens da natureza, cola, tesoura, Xerox da obra de Ricardo Hantzschel.

Passo a Passo



Homens de sal · Ricardo Hantzschel

Oriente os alunos a fazerem uma cópia da imagem da série fotográfica “HOMENS DE SAL”.

Em seguida peça a eles que recortem a imagem do homem presente na foto, dentro de outros ambientes de natureza, criando uma espécie de releituras por

meio de recorte-colagens.

Estimule na turma, a partir das produções, uma discussão sobre os fatores sócio-ambientais presentes no trabalho de Ricardo Hantzschel, trazendo exemplos, para sala de aula, de outras situações que abordam esta questão.

PROPOSTA 09 · PRODUÇÃO DOS SENTIDOS

Organize os alunos em dupla, dando a cada um, a Xerox de uma das imagens dos trabalhos dos seguintes artistas:

- Ádrio Denner (PA) - A Garça!
- Amanda Amaral (SP) - Heranças
- Ana Mokarzel (PA) - Estranha Paisagem
- Betânia B. (PA) - Visagens
- Carol de Góes (RS) - Praianas
- Danielle Fonseca (PA) - Um retrato da artista quando surfista
- Fábio Caçado (MG) - Pipagaia
- Gui Mohallem (MG) - Welcome Home
- Heber Bezerra – (MG) - Destraços _contra_ tempo
- Ismael Monticelli (RS) - O deserto dos tártaros
- José Diniz (RJ) - Vertentes do Sertão
- Larissa Pinho Alves (RJ) - Lago
- Leo Bitar (PA) – Extremos

- Leticia Ranzani (SP) - O Começo é Sempre o Escuro
- Lucio Adeodato (BA) - [DES]OCUPAÇÃO
- Marcio Marques (SP) – Polissemia
- Mariana Galender (SP) - Fuga # 3 – lugares que queriam ser casa
- Mateus Moura (PA) - Matou o Cinema e foi a Família
- Maura Grimaldi (SP) - Esquinas
- Pedro Cunha (PA) - Miragem Urbana
- Renan Teles (SP) - Webcasting/LiveStreaming
- Ricardo Hantzschel (SP) - Homens de sal

Faixa Etária: A partir de 15 anos

Materiais: Papel Sulfite A4, Lápis, Xerox das imagens das obras dos artistas presentes no Tablóide.

Passo a Passo

Cada aluno ficará com a Xerox de uma das imagens dos trabalhos dos artistas citados acima. Um dos alunos deve fazer um desenho através da descrição do outro. Assim, enquanto um diz o que está vendo na imagem, o outro reproduz a descrição do amigo (sem olhar a foto). Depois os papeis se invertem.

Ao final um mostra para o outro o que desenhou. Em seguida, o professor (a)

apresenta os trabalhos, mostrando à turma as respectivas imagens dos artistas envolvidos nesta proposta, estimulando a reflexão de um diálogo a cerca da imaginação e seu processo de criação para a produção de uma composição de um trabalho artístico.

NOSTALGIA E ROMANTISMO

A artista convidada deste ano, a fotógrafa Walda Marques, traz para a mostra do Museu da UFPA, um pouco do que viu em Cuba, durante a viagem que fez até lá em 2008. Por meio da fotografia, "Românticos de Cuba" revela a nostalgia e a simplicidade de um país. A exposição traz imagens que retratam a vida cotidiana dos moradores de Havana e de outras cidades do interior da ilha.

"Eu sempre tive vontade de ir a Havana, não pela questão política, mas para conhecer de perto cultura do lugar. Fiquei encantada com a música e todas as outras vertentes culturais do país, com as quais já tinha muita identificação. Quando cheguei lá, me senti em casa", diz ela.

A exposição reúne 15 fotografias. São ambientes, residenciais e comerciais, onde ora podemos imaginar seus moradores, ora os vemos intrínsecos a eles. Há ainda algumas vitrines, carros antigos e outras imagens.

"É tudo muito parecido comigo, com a minha casa", compara Walda, que mora em uma casa antiga, decorada com inúmeros móveis e objetos que bem poderiam pertencer a uma residência cubana. "Cuba nos traz fortes influências culturais. Fui como turista e aproveitei a oportunidade para andar pela cidade e fotografar. Bati na porta da casa das pessoas e pedi pra entrar", lembra Walda.

CADA LUGAR, UM RETRATO

A exposição mostra Cuba por dentro e faz um retrato de cada lugar por onde a fotógrafa passou, mas principalmente revela o lado humano e o gosto simples que ecoam do interior das casas em que ela esteve. "A arrumação delas, seus objetos, os lustres, tudo se remete aos anos 1950 e 1960. É tudo muito nostálgico. Fui até o meio da ilha, chegando a Trinidad, uma cidade na província de Sancti Spíritus", diz.

Em estado de entrega e entusiasmada como sempre fica com tudo que se envolve na fotografia, a convidada especial desta 4ª edição é uma das fotógrafas mais atuantes de sua geração.

"A fotografia pra mim não vem só através do clic. Eu realizo um trabalho em cima do que se chama de fotografia. Não me acho fotógrafa. Gosto de produzir, sem isso, pra mim, não há fotografia. Tem que ter maquiagem e entendimento com



as pessoas que eu fotografo. É uma busca, uma procura", explica.

Nascida em Belém do Pará, Walda trabalhou 17 anos com maquiagem para teatro, televisão, salão de beleza e estúdio fotográfico e em 1989 fez curso com o fotógrafo Miguel Chikaoka, artista convidado na 3ª edição do prêmio, e tomou nova direção na sua trajetória. "Na Associação Fotoativa, passei a ver a fotografia mais de perto, mesmo já trabalhando com vários fotógrafos em Belém como Luiz Braga e Octavio Cardoso".

Em 1992, a fotografia entra definitivamente para sua vida profissional. Fundou o Estúdio W.O. Fotografia, em parceria com Octavio Cardoso, e de lá pra cá, não parou mais de produzir. Além da exposição, quem quiser saber mais sobre o trabalho da fotógrafa, poderá participar do bate papo "Os lugares do retrato", que acontece dia 02 de abril, às 19h, no Museu da UFPA.

REFLEXÃO, NOVAS MÍDIAS E ARTE CONTEMPORÂNEA

A programação do 4º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia matém a qualidade dos outros anos, consolidando-se em ideias construídas desde o início do projeto, em 2010. Nesta edição algumas ações já foram realizadas. Ainda em fevereiro, foi lançado o catálogo “Memórias da Imagem”, que pode ser acessado em sua versão virtual no site www.diariocontemporaneo.com.br, além do minicurso “Participação da Narrativa e da Imagem na Arte Contemporânea” e da palestra “Areal”, de Maria Helena Bernardes, artista gaúcha que também esteve em Belém como membro do júri do prêmio. Ela comentou o tema desta edição.

“Acredito que nesse momento, a sensibilidade global tende a retomar de forma ampliada o conceito de cultura, que, em algum momento do século 20, perdeu sua elasticidade necessária: cultura é, por definição, a produção material humana. E o homem é parte da natureza, sem possibilidade de relativismo. As coisas estão cindidas apenas em nosso pensamento, modelado por relações de dominação e exploração em relação às demais espécies e elementos que habitam o universo. Podemos tratar desse eixo proposto pelo Prêmio com muita liberdade e sensibilidade, sem cair em dicotomias. Foi o que aprendi por parte dos anfitriões, quando formularam o convite para minha participação, o que me entusiasmou”, disse.

Bate papo e palestras - A participação da fotógrafa convidada Walda Marques vai além da exposição “Românticos de Cuba”. Também no Museu da UFPA, ela conversa com o público sobre “Os lugares do retrato”. Em 30 anos de trajetória, a artista está inscrita na história da fotografia contemporânea paraense como um talento ímpar. Destaca-se pela criação laboriosa de um painel de retratos que vem enriquecendo a galeria de tipos invulgares.



Oficina “Participação da Narrativa e da Imagem na Arte Contemporânea”



Maria Helena Bernardes, na palestra Projeto Areal

São personagens construídos por ela, a partir de uma generosidade exuberante que revela auras e traços femininos incomuns. Os retratos que se complementam por cenários, figurinos e objetos, enfatizam o cuidado de produção que já se tornou uma assinatura de seus trabalhos.

Andrea Feijó vai abordar “Arte, natureza e contexto social - Projeto Adote um urubu”. Tese de mestrado da artista plástica, o trabalho teve como ambiente da pesquisa a Ilha de Algodoal, onde o acúmulo de lixo é constante.

Assim, ela sugere a imagem do urubu como metáfora, já que ele é sempre visto em meio à sujeira e onde não acontece uma coleta de lixo sustentável. A ilha de Maiandeuá, porém, localizada em uma das regiões mais belas do litoral atlântico paraense, foi apenas o ponto de partida de Andrea. “Em qualquer lugar do mundo as pessoas precisam se preocupar com o lixo que produzem”, diz. Entre 2008 e 2009, o projeto resultou em mostra cultural e vídeo, além de oficinas de arte com jovens entre 12 e 18 anos, visando a fomentar a produção cultural na comunidade de Algodoal.

Arte, natureza e tecnologia – O projeto “Água” é o tema de mais uma das palestras. Val Sampaio, Mestre em

Artes pela UFPA, apresenta o contexto tecnológico e a emergente “rede geoespacial”, com suas novas criações e dispositivos de subjetivação e poder, além de revelar o lugar que perpassa a pesquisa e a prática artística com as mídias locativas, sempre buscando diálogos com outros artistas históricos e contemporâneos.

A aproximação analítica do tema tem como objetivo realizar um aditamento, num sentido personalizado de lugar, da intervenção artística com mídia locativa: ÁGUA, realizada entre 2010-2011, no rio Amazonas, que busca mapear a maré do rio com anotações com GPS o espaço-tempo Água. Fechando o ciclo de palestras, o historiador Aldrin Figueiredo debate o tema “Entre o rosto da cidade e o rosto do povo: história e fotografia em Belém do Pará no século XIX”.

Oficina e minicurso - Além das palestras, o 4º Prêmio conta ainda com a oficina do Coletivo CêsBixo, voltado para o pensar fotográfico de forma expandida, em múltiplos suportes e meios, como também a questão autoral. Val Sampaio vai focar no Mini Curso “Arte locativa: mobilidade e sentido”, conceitos iniciais do campo da arte e tecnologia, propondo reflexão sobre os desvios e aproximações da tecnologia móvel, internet e suas implicações na contemporaneidade.

IV Prêmio
Diário
contem
de Fotografia
porâneo

PATROCÍNIO



COLABORAÇÃO

APOIO



REALIZAÇÃO

Diário do Pará

